



Instauratio Magna

Revista do Programa de Pós-Graduação
em Filosofia da Universidade Federal do ABC
v. 1, n. 2 (2021) • ISSN: 2763-7689

Artigo

Gingando no ensino de filosofia - Espinosa e a resistência afro- brasileira em uma perspectiva de educação libertadora

Vitor Mateus dos Reis Martins Duarte

Universidade Federal do ABC (UFABC)
São Bernardo do Campo (SP)

DOI: 10.36942/rfim.v1i2.436

Recebido em: 25 de fevereiro de 2021.

Aprovado em: 03 de junho de 2021.

Contato do autor: vitormateusduarte@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7337604822225568>

Gingando no ensino de filosofia - Espinosa e a resistência afro-brasileira em uma perspectiva de educação libertadora

Resumo

O presente artigo pretende propor um encontro do ensino de filosofia no Brasil com sistemas culturais e filosóficos afro-brasileiros, sistemas que foram amplamente marginalizados pela história oficial, mas que possuem muitas contribuições éticas, epistemológicas, lógicas, políticas e estéticas. Este texto busca nos escritos de Bento de Espinosa uma visão de mundo, de conhecimento e de ser humano que possa fundamentar uma perspectiva de educação libertadora no Brasil do século XXI. Baseando-se na concepção espinosana de um pensar corporal e alegre, o artigo proporá a capoeira como elemento de mobilização para uma autêntica reflexão filosófica na sala de aula brasileira, visando bons encontros pedagógicos que possam revelar possibilidades de pensar filosoficamente em seu próprio tempo e espaço.

Palavras-chave: Ensino; Espinosa; Razão; Capoeira; Liberdade.

Gingando in the teaching of philosophy - Spinoza and Afro-Brazilian resistance in a liberating education perspective

Abstract

This article intends to propose a meeting between the teaching of philosophy in Brazil with Afro-Brazilian cultural and philosophical systems, systems that have been largely marginalized by official

history, but which have many ethical, epistemological, logical, political and aesthetic contributions. This text seeks in the writings of Baruch Spinoza for a vision of the world, of knowledge and of the human being that can support a perspective of liberating education in Brazil of the 21st century. Based on the Spinoza conception of a bodily and joyful thinking, the article will propose the capoeira as an element of mobilization for an authentic philosophical reflection in the Brazilian classroom, aiming at good pedagogical meetings that can reveal possibilities of thinking philosophically in your own time and space.

Keywords: Teaching; Spinoza; Reason; Capoeira; Freedom.

Gingando en la enseñanza de la filosofía - Spinoza y la resistencia afrobrasileña en una perspectiva de educación liberadora

Resumen

Este artículo pretende proponer un encuentro entre la enseñanza de la filosofía en Brasil con sistemas culturales y filosóficos afrobrasileños, sistemas que han sido en gran medida marginados por la historia oficial, pero que tienen muchas aportaciones éticas, epistemológicas, lógicas, políticas y estéticas. Este texto busca en los escritos de Baruch Spinoza una visión del mundo, del conocimiento y del ser humano que pueda sustentar una perspectiva de educación liberadora en el Brasil del siglo XXI. Partiendo de la concepción de Spinoza de un pensamiento corporal y alegre, el artículo propondrá la capoeira como un elemento de movilización para una auténtica reflexión filosófica en el salón de clases brasileño, apuntando a

buenos encuentros pedagógicos que puedan revelar posibilidades de pensar filosóficamente en su propio tiempo y espacio.

Palabras clave: Enseñanza; Spinoza; Razón; Capoeira; Libertad.

Gingando no ensino de filosofia - Espinosa e a resistência afro-brasileira em uma perspectiva de educação libertadora

Vitor Mateus dos Reis Martins Duarte

Introdução

Para buscar nos escritos de Espinosa uma visão de mundo, de conhecimento e de ser humano que possa fundamentar uma perspectiva de educação libertadora no Brasil do século XXI, este artigo inicialmente reivindicará os modos de resistência afro-brasileira como uma proposta para obter espaços escolares que reflitam sobre o próprio local em que estão inseridos, que deem lugar a sistemas culturais e filosóficos marginalizados pela história oficial, mas que possuem muitas contribuições éticas, epistemológicas, lógicas, políticas e estéticas.

Em um segundo momento, o texto se deslocará em tempo e espaço para traçar um breve caminho pela *Ética, Magnum opus* de Bento de Espinosa. Para o auxílio nessa árdua tarefa, tomaram-se como apoio os artigos: "Espinosa - uma filosofia da liberdade", "Reflexões sobre a educação em Espinosa: A experiência do encontro como segundo Nascimento" e "Pensar a potência dos afetos na e para a educação" e a dissertação de

mestrado: "Autodeterminação: considerações sobre os aspectos ontológicos da liberdade humana na ética de B. Espinosa".

Mantendo a concepção espinosana como base, este artigo buscará na capoeira um elemento inserido no tempo e no espaço da escola brasileira do século XX que seja capaz de mobilizar os alunos para exercícios reflexivos sobre a estrutura da sala de aula, da escola, da família, da sociedade. Este trabalho procurará no pensamento ocidental brechas para olhar para a própria história, revelando possibilidades de pensar filosoficamente e buscando a fundação de uma educação libertadora.

Uma educação libertadora e a reivindicação da resistência afro-brasileira

De maneira geral, observando a história moderna do continente europeu, enxerga-se um ser humano que acreditou que poderia dominar completamente a natureza e transformá-la a seu bel-prazer. O europeu moderno preferiu mais a crença de que conhecimento era poder do que a noção de uma interligação completa entre todos os seres e segundo Oliveira (2012) fracassou em sua tentativa de controlar a natureza:

Diante da pretensão dos Homens, a Natureza revelou-se hostil e revelou a pobreza das abordagens humanas

sobre o não-humano. Se é certo que somos natureza, também é certo que criamos artifícios que a negam. A diversidade na natureza é muito maior do que fomos capazes de detectar. Nossas elaboradas teorias são demasiado simples para compreender a complexidade do mundo: mundo ambiental, mundo social e mundo psíquico. Fracassamos na aventura tresloucada de controlar a natureza. (OLIVEIRA, 2012, p. 37)

O Brasil é fruto dessa pretensão europeia de imprimir seus desejos na natureza. Porém, a visão espinosana possibilita outra maneira de usar a razão, de modo a não cair em uma busca descontrolada por poder, transformação natural e acumulação de bens. Dentro do pensamento de Espinosa o autoconhecimento é fundamental, a sociedade brasileira precisa se encontrar com todas as contribuições culturais que a constituíram: africanas, indígenas e europeias, pois a sociedade que se conhece caminha para uma maior autoperfeição, para o aumento da alegria. Ora, a contribuição dos povos africanos foi fundamental para a edificação desse projeto moderno de colonização tropical, mas essa contribuição nunca obteve reconhecimento formal, por isso, procura-se aqui olhar para as construções de pensamento dos marginalizados em uma busca por equalização educacional.

Se há uma tradição pedagógica fundada nos ideais iluministas, o manifesto é pela inclusão de outros elementos na tentativa de obter uma educação mais libertadora, mais potente, mais

capaz de se adequar às questões dos seres humanos que habitam trópicos colonizados.

Ora, um dos elementos fundadores das estruturas sociais, econômicas e filosóficas brasileiras foi a escravidão, por isso é necessário tê-la em mente na proposição de temas que se insiram em sua realidade, fazendo isso sob a perspectiva dos povos que foram escravizados e conseqüentemente deixados de lado nas enormes dimensões da escravidão na América Portuguesa.

Reivindica-se aqui uma concepção de mundo afro-brasileira, baseada nos saberes arquitetados pela população que se viu constantemente renegada, fundamentada na epistemologia dos iorubas, dos bantos, dos jejes, dos povos africanos que constituíram o maior número de pessoas sequestradas e trazidas para o Brasil.

É essencial buscar elementos que se oponham à versão oficial de construção da identidade brasileira, trazer para a educação a ótica dos marginalizados, proporcionar uma reflexão sobre o próprio lugar e o próprio tempo do aluno brasileiro, sobre toda a história do pensamento europeu que lhe é ensinada como única possibilidade.

Trata-se de pensar em uma maneira pedagógica que não se volte somente aos valores ocidentais, que possa contemplar a

complexidade do estudante brasileiro, que possibilite uma reflexão ampla sobre as concepções de mundo, ser humano e conhecimento. Um modo de educação que não opere somente com os sistemas ocidentais.

Assim, solicita-se o conhecimento do pensamento daqueles que sempre foram silenciados, mas que contribuíram de maneira fundamental para a construção do espaço em que estamos inseridos:

Não se trata, portanto, da crítica conceitual a conceitos consagrados pela tradição do pensamento ocidental. Trata-se de combater, isso sim, a condição mesma de produzir tais conceitos, sua produção elevada a esse grau de abstração para que, efetivamente, a crítica não se reduza ao aspecto conceitual, mas reincida sobre a atitude que o produziu. É a interface texto e contexto. Trata-se de considerar a "lógica" própria do Outro, sem reduzir o Outro à fórmula do Mesmo. Não basta ouvir sua voz e respeitar seu discurso. É preciso estar aquém, isto é, considerar as próprias condições do discurso a ser efetivado. (OLIVEIRA, 2012, p. 35)

Inserir-se a necessidade de se entender a cultura afro-brasileira, uma cultura que possuiu contribuições de inúmeros povos e ainda se estabelece de maneira fluida pela oralidade. Porém aqui, imagina-se um pensar dos afetos, que se origina no corpo e compõe um universo interligado, onde se é

pequena parte do mundo e há a necessidade da felicidade do outro para a realização da própria felicidade.

Ao olhar para a grandiosidade e a multiplicidade da cultura afro-brasileira, é possível reconhecer éticas, epistemologias, políticas, lógicas, estéticas. Como as reflexões obtidas em um encontro com o bumba-meu-boi, com os repentistas nordestinos, com o maracatu, com o maculelê, com a capoeira:

Essas reflexões têm nos permitido ficar atentos e intuir a existência de uma outra lógica, diferente da lógica determinada pela racionalidade moderna, mas que parece prevalecer nesse universo da cultura popular cada vez que um caboclo de lança do Maracatu do Baque Solto sacode suas pesadas vestimentas no ritmo contagiante que vem dos rurais de Pernambuco; cada vez que o estampido agudo das matracas do Bumba-Meu-Boi restitui o passado indígena e escravo em terras maranhenses; cada vez que os versos de inspiração medieval dos Repentistas Nordestinos revelam a poesia e a sagacidade do homem sertanejo; cada vez que os sulcos esculpido pelo tempo nos rostos das centenárias baianas vestidas de negro na Festa de N.S. da Boa Morte trazem os mistérios ancestrais do Recôncavo Baiano; cada vez que os passos lépidos dos dançarinos do Jongo presentificam as origens africanas no samba do Rio de Janeiro; cada vez que o ponteado de uma Viola Caipira traz a dolência matreira do caboclo do interior paulista, ou

cada vez que os acordes de um berimbau ecoam como navalha cortando o ar durante o cantar da ladainha numa Roda de Capoeira. (ABIB, 2004, p. 172)

Para que a educação seja de fato libertadora é preciso que a sociedade se autoconheça, que tenha conhecimento sobre as suas opressões e as formas de resistência a elas. Assim, se um dos elementos fundadores das instituições brasileiras foi a escravidão, que o olhar se volte para a maior forma de resistência ao escravagismo, os quilombos. Nos quilombos encontra-se uma rica contribuição para o raciocínio sobre filosofia política, lá os habitantes se conservavam por meio de uma "economia solidária", baseada no apoio mútuo e na preservação de todos os elementos que contribuíam para o equilíbrio dos quilombos. Por isso, a resistência praticada nos quilombos é uma forma de se determinar, de se libertar e caminhar para uma maior perfeição do ser, para uma maior alegria. Os quilombolas e suas formas de organização coletiva ensinaram algo que a escola desprezou durante muito tempo. Contribuição reivindicada por Abdias Nascimento:

O quilombismo se estruturava em formas associativas que tanto podiam estar localizadas no seio de florestas de difícil acesso que facilitava sua defesa e sua organização econômico-social própria, como também assumiram modelos de organizações permitidas ou toleradas, frequentemente com

ostensivas finalidades religiosas (católicas) recreativas, beneficentes, esportivas, culturais ou de auxílio mútuo. Não importam as aparências e os objetivos declarados: fundamentalmente todas elas preencheram uma importante função social para a comunidade negra, desempenhado um papel relevante na sustentação da comunidade africana. Genuínos focos de resistência física e cultural. Objetivamente, essa rede de associações, irmandades, confrarias, clubes, grêmios, terreiros, centros, tendas, afochês, escolas de samba, gafieiras foram e são os quilombos legalizados pela sociedade dominante; do outro lado da lei se erguem os quilombos revelados que conhecemos. (NASCIMENTO, 1980, p. 4)

É também imprescindível pensar nos cânticos e elementos percussivos como uma nova maneira de conhecimento, como uma construção oral e coletiva de povos que não tiveram acesso ao conhecimento formal, como maneira alternativa de preservar sua visão de mundo. É preciso olhar para a herança da diáspora, para as canções que transmitem o sofrimento e a força dos cativos. Uma sociedade que preserva as contribuições de todos os povos presentes em sua formação é uma sociedade que se conhece, que se determina e caminha em direção à liberdade. Observando essa visão encantada afro-brasileira, há a possibilidade de um encontro com a potência dos afetos de Espinosa, com a natureza em uma experiência mundana:

Experiência cognitiva por excelência que, muito embora encontre na razão sua aliada primorosa, tem no afeto sua razão de ser. Uma razão completamente eivada de afetos. Assim, com em Spinoza (1979), o conceito de alegria é uma experiência no mundo e não sobre o mundo, assim como a natureza é uma experiência mundana e não mental. Não há cisão entre afeto e razão. Uma está tomada pela outra de maneira irreversível. A beleza do pensamento só é beleza em consonância com a beleza do mundo – que não pode ser percebida senão pela razão encantada. (OLIVEIRA, 2012, p. 45)

Solicita-se a criação de um sistema que possa sensibilizar o povo brasileiro, que utilize contribuições próprias que foram sistematicamente esquecidas, que olhe para a história de resistência dos marginalizados, que possa criar significados sobre resistir e possibilitar novas resistências.

A visão de mundo, de conhecimento e de ser humano em Espinosa

Este texto defende que por meio da concepção de mundo, conhecimento e ser humano de Espinosa, abrem-se oportunidades para pensar em ferramentas de construção de um ensino libertador na contemporaneidade. Um ensino que tenha a capacidade de analisar as heranças filosóficas deixadas

por um europeu extremamente crítico à tradição de pensamento de seu continente e olhar para sistemas filosóficos de outros lugares. E é por reivindicar uma educação libertadora que este artigo se desloca em tempo e espaço na busca por uma “filosofia da liberdade”.

Bento de Espinosa foi um pensador audacioso; mesmo sendo um dos maiores expoentes do racionalismo europeu do século XVII, trilhou um caminho diferente da tradição dualista, ousando reivindicar uma razão que não se encaixava na divisão entre corpo e mente, atrevendo-se a descrever um Deus uno, partícipe de todas as coisas¹. A filosofia espinosana sustenta uma visão de natureza que rompe com a ideia enraizada no ocidente de uma mente com pleno poder sobre o corpo. Dessa forma, disserta Novikoff e Cavalcanti:

Spinoza (2009) convida a romper com uma concepção simplista inaugurada por Descartes, que acreditava em um poder transcendente e absoluto da mente sobre o corpo, já que era a detentora de uma vontade livre capaz de controlá-lo. (NOVIKOFF; CAVALCANTI, 2015, p. 90)

1. Logo em um momento que o racionalismo dualista acabava de ganhar um de seus representantes mais significativos, René Descartes, que dentro de toda a complexidade de seu pensamento trazia uma divisão entre corpo e alma, assim como Aristóteles, Platão, Agostinho de Hipona e Tomás de Aquino.

A primeira ideia importante para a compreensão do fundamento da filosofia de Espinosa está na P15 e P18 da EI, que evidencia uma interligação total do cosmos e a existência de uma única substância que se expõe de forma imanente e não transcendente.

Tudo o que existe, existe em Deus, e por meio de Deus deve ser concebido (pela P15); portanto, (pelo cor1 da P16), Deus é causa das coisas que nele existem, que era o primeiro ponto. Ademais, além de Deus, não pode existir nenhuma substância (pela P14), isto é (pela def3), nenhuma coisa, além de Deus, existe em si mesma, que era o segundo ponto. Logo, Deus é causa imanente, e não transitiva, de todas as coisas. (EI P18dem, p. 43)²

Diante da existência una de Deus e do fato de que nenhuma outra coisa exista em si mesma, Deus é causa interna de si e todas as coisas que existem. Ou seja, todo o universo é parte componente da substância que Espinosa denomina como Deus, ou Natureza (EIV Pref, p. 156). Deus é todas as coisas, é natureza, é fenômeno manifesto na força cosmológica e não uma entidade que age com um fim imaginado: “portanto, a razão ou a causa pela qual Deus ou a natureza age e aquela pela qual existe é uma só e a mesma.” (EIV Pref, p. 156).

2. Este artigo seguirá uma regra de citação específica para a *Ética* de Bento de Espinosa. Sempre indicando primeiro a parte da *Ética*, seguida pela abreviatura da parte interna e finalizando com a indicação da página.

A arquitetura de um Deus que é causa imanente e não transcendente possibilita o rompimento com uma noção de alma transcendente, uma alma que só alcançaria sua plenitude em um período pós-corporal. Dada a existência Deus como única substância, no sistema espinosano, corpo e mente são dois modos da mesma substância, manifestações diferentes dessa substância. Por modo, Espinosa compreende o efeito de uma substância, que existe nela e é conhecido por meio dela: "por modo compreendo as afecções de uma substância, ou seja, aquilo que existe em outra coisa, por meio da qual é também conhecido" (E1 def5, p. 13).

Ou seja, os modos existem por meio da única substância existente, Deus, que Espinosa entende como: "um ente absolutamente infinito, isto é, uma substância que consiste de infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita" (E1 def5, p. 13). Dentro dessa unidade substancial, Espinosa constrói a noção de atributo. Os atributos exprimem a essência de Deus e por isso possuem a mesma identidade e autossuficiência da substância divina: "por atributo compreendo aquilo que, de uma substância, o intelecto percebe como constituindo sua essência" (E1 def4, p. 13).

Para ele, o pensamento é um atributo de Deus: "o Pensamento é um atributo de Deus, ou seja, Deus é uma coisa pensante" (E11 P1, p. 81), assim como a extensão: "A extensão é um atributo de

Deus, ou seja, Deus é uma coisa extensa." (EII P2, p. 83). Assim, pensamento e extensão são uma coisa só, partes de um cosmos uno, dois atributos que exprimem, cada um à sua maneira, a mesma ação substancial.

O filósofo holandês compreende a potência da natureza como a sua própria essência (E1 P34, p. 40), ela é ente eterno e infinito. Sendo causa imanente de todas as coisas, é pura potência, a sua existência é dada em necessidade de sua essência, como identifica Marilena Chauí (1995, p. 46) "a existência e a essência da substância são idênticas à sua potência ou força infinita para existir em si e por si, para ser internamente complexa e para fazer existir todas as coisas". Dessa maneira, Deus é infinita potência de continuar existindo e, se Espinosa compreende por corpo e mente "um modo que exprime, de uma maneira definida e determinada, a essência Deus, enquanto coisa extensa" (EII def1, p. 69), todos os seres exprimem de maneira definida e determinada a potência de existir de Deus.

Ora, se Deus é a única substância existente, os seres humanos existem em Deus, são pequenas partes componentes da infinita potência da natureza e, por serem modos finitos de Deus possuem potência de continuar existindo, mesmo que limitada em comparação com a infinidade da natureza. Os seres humanos são parte da potência de Deus, potência infinita de existir.

Como visto acima, para Espinosa, pensamento e extensão são apenas duas expressões distintas e paralelas da essência de uma só e mesma substância (EII P6 e P7, p. 55). Dessa maneira, pode-se conceber uma união entre mente e corpo, que nada mais é que “em princípio, que a dupla expressão – ou a dupla modificação de uma única e mesma substância em dois gêneros distintos da realidade: o pensamento (que produz ideias) e a extensão (que produz corpos)” (LISBOA, 2017, p. 65). Essa união mente-corpo, por exprimir de maneira definida e determinada a potência de existir de Deus, busca incessantemente se conservar e esses esforços que procuram a autoconservação podem ser denominados como *conatus*, sendo o *conatus* o que define a essência dos corpos. Assim, a natureza é puro esforço, pura determinação de afetos, essência que se demonstra na potência de existir.

Esse esforço, à medida que está referido apenas à mente, chama-se vontade; mas à medida que está referido simultaneamente à mente e ao corpo chama-se apetite, o qual, portanto, nada mais é do que a própria essência do homem, de cuja natureza necessariamente se seguem aquelas coisas que servem para a sua conservação, e as quais o homem está, assim, determinado a realizar. Além disso, entre apetite e desejo não há nenhuma diferença, excetuando-se que, comumente, refere-se o desejo aos homens à medida que estão conscientes de seu apetite. Pode-se fornecer, assim, a seguinte definição: o desejo é o

apetite juntamente com a consciência que dele se tem. Toma-se, assim, evidente, por tudo isso, que não é por julgarmos uma coisa boa que nos esforçamos por ela, que a queremos, que a apeteçemos, que a desejamos, mas, ao contrário, é por nos esforçarmos por ela, por querê-la, por apeteçê-la, por desejá-la, que a julgamos boa. (EIII P9esc, p. 177)

Os entes estão o tempo todo no ímpeto das coisas urgentes que funcionam como forças conservadoras de sua existência. Assim, a ideia de um pensamento e uma extensão que são atributos da mesma substância com base nos escritos de Espinosa passa diretamente pela ideia de um mundo natural que se estabelece na força dos corpos. Depende da existência de um pensar que se alicerça pela urgência das necessidades existenciais, pela ânsia que busca a autossobrevivência.

Porém, os seres estão em uma relação constante com outros corpos. Na teoria espinosana, toda coisa é capaz de afetar e ser afetado por outras: "o corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, enquanto outras tantas não tornam sua potência de agir nem maior nem menor" (EIII post1, p. 97). Assim, sendo a mente uma ideia do corpo, ela é afetada pela ideia de outros corpos. Ideias que podem aumentar, diminuir ou nem aumentar nem diminuir a potência de agir do ser.

Para Espinosa, quando um corpo tem sua potência aumentada no encontro com outro corpo, pode-se chamar esse encontro de alegria, já quando um ser tem sua potência diminuída no encontro com outro ser, pode-se chamar esse encontro de tristeza. Esses encontros e as ideias desses encontros são o que Espinosa compreende por afetos:

Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções. *Explicação*: Assim, quando podemos ser a causa adequada de alguma dessas afecções, por afeto compreendo, então, uma ação; em caso contrário, uma paixão. (EIII def3, p. 96)

Portanto, para ele, as coisas são boas porque os seres as julgam boas para eles, e não por elas serem simplesmente boas, o que coloca a impossibilidade de uma ética normativa. Algo nunca é bom em si, ele é bom quando é desejado por alguém, por esse alguém acreditar que aquilo aumentará sua potência de existir. Desejar um corpo significa que a mente o julga como algo bom.

Mas como dito anteriormente, os corpos possuem apetite por outros corpos por julgarem que esses lhe aumentarão a potência, ou seja, os seres imaginam que algo é bom e essa imaginação

não é um conhecimento seguro³. Eles podem ser enganados ao acreditarem que seu *conatus* está aumentando, enquanto na verdade ela está diminuindo.

O conhecimento imaginativo é passivo. Passividade é quando somos determinados por causas exteriores e isso é o que o filósofo holandês chama de servidão humana. À medida que todos são uma pequena parte da natureza que não pode ser compreendida sem as demais, os seres se tornam barcos em um oceano repleto de afetos passivos, porém sem o conhecimento de quais afetos contemplam sua essência, eles acabam por perder o controle e agonizar à deriva:

Chamo de servidão a impotência humana para regular e refrear os afetos. Pois o homem submetido aos afetos não está sob seu próprio comando, mas sob o do acaso, a cujo poder está a tal ponto sujeitado que é, muitas vezes, forçado, ainda que perceba o que é melhor para si, a fazer, entretanto, o pior. (EIV Pref, p. 263)

3. Para Espinosa, o conhecimento imaginativo é um gênero de conhecimento construído por meio das imagens das coisas que se apresentam aos órgãos sensoriais. Porém, essas imagens seriam efeitos dos objetos exteriores, uma forma subjetiva de conhecimento que não mostra as coisas como são em si mesmas, e sim como elas se apresentam aos órgãos sensoriais. Assim, o conhecimento imaginativo supõe conhecer um objeto, mas na verdade conhece apenas seu efeito. Trata-se, portanto, de um conhecimento subjetivo, parcial e inadequado da realidade, que conduz ao erro. (LISBOA, 2017, p.35)

Essa é a marca da servidão, quando o ser não age de acordo com sua essência perante o mundo, quando seu esforço de existir é submetido a forças externas imaginando submetê-las, quando aquele que só pode se compreender em conjunto não reflete sobre sua vontade e busca a servidão como se fosse a liberdade. Portanto, servidão é passividade, é ser determinado por causas exteriores, o contrário da liberdade, que é a autodeterminação e que para Espinosa é definida: “diz-se livre, a coisa que existe exclusivamente pela necessidade de sua natureza e que por si só é determinada a agir” (E1 def7, p. 13).

É necessário o autoconhecimento, que é a manifestação da força interna da mente humana, e quando a mente age por si ela está se autodeterminando, sendo causa adequada de si, livre. O autoconhecimento possibilita a reflexão profunda sobre a própria essência para um encontro com o outro que maximize as potências em conjunto. Quando a mente conhece a si própria ela tem a possibilidade de atuar na realização de bons encontros, por isso a necessidade do autoconhecimento.

A via para o conhecimento, que implica a interação de aspectos cognitivos e afetivos, dá-se como encontro daquele que se conhece com o conhecido, resultando no verdadeiro conhecimento, o qual é indissociável da felicidade suprema e do aumento de potência. (COSTA-PINTO; RODRIGUES, 2013, p. 111)

Este texto reivindica o pensamento de Espinosa por sua proposta de liberdade filosófica. Essa busca pela liberdade na filosofia espinosana é ressaltada por Marilena Chauí: “a filosofia de Espinosa é uma ética da alegria, da felicidade, do contentamento intelectual e da liberdade individual e política” (CHAUÍ, 1995, p. 52). Assim, é subsidiado por uma ética da alegria, da felicidade e da liberdade que este artigo propõe uma educação que encontre com outros sistemas filosóficos e que aumente a potência de agir dos corpos e mentes dos estudantes brasileiros.

O desafio de Espinosa à tradição teológico-metafísica por meio de um pensamento pautado na razão absoluta é um exemplo de busca por um livre exercício do corpo e da mente através da razão afetiva. Tendo a capoeira como instrumento de afetos alegres, o artigo procura dentro do pensamento ocidental um instrumento que auxilie na realização de uma educação libertadora e ativa no Brasil, que possa romper com concepções passivas de pensamento preestabelecidas, como a herança teológica, dualista e transcendente.

Busca-se na filosofia espinosana o que Oliveira (2012) denominou como razão encantada. Uma razão que não se separa dos afetos, que se constrói como aliada do desejo e do apetite, que busca os encontros alegres e que olha para o conceito de alegria como uma experiência no mundo e não sobre o mundo, tal como

prega a tradição intelectualista e dualista. A perspectiva de uma razão encantada possibilitaria o reconhecimento pedagógico do elemento lúdico, do elemento artístico, da sabedoria não erudita, de um pensar que não busque apenas o gozo exclusivo da mente. Viabilizaria um encontro com os saberes de culturas africanas, americanas, asiáticas e permitiria o aprendizado com sistemas filosóficos mais ligados ao ambiente, mais ligados ao prazer corporal, mais ligados à potência de existir. Ou seja, mais ligados aos sistemas de pensamento que não são dualistas e que entendem o ser humano como partícipe da natureza e não como um ente cuja função é dominá-la.

A capoeira como um elemento mobilizador de reflexões filosóficas

Uma dessas maneiras que podem ser apropriadas pedagogicamente para mobilizar e proporcionar reflexões filosóficas e que se encontram com a concepção espinosana, é o ensino por meio da capoeira, da reflexão profunda e cuidadosa sobre a tradição da Capoeira Angola.

Quem joga capoeira encontra com um mundo onde tudo é interligado, apreende uma cultura onde o universo é uno e todos precisam do outro para realizar sua máxima potência. É necessário um bom encontro, uma boa harmonia da roda para

que os afetos sejam alegres, para que o agir do capoeirista seja direcionado da melhor maneira, de modo a aumentar o *conatus* e realizar a passagem a uma maior perfeição do próprio ser, a uma maior alegria.

Um bom jogador depende de um bom jogo do outro jogador, só assim pode manifestar toda a sua habilidade, é um jogo conjunto, onde a observação e o conhecimento do corpo do outro atuam para a causa adequada do próprio corpo. A roda é lugar de coletividade, é conjunto entre os dois jogadores, entre os percussionistas, entre os que entoam os cânticos, entre o público presente. Ali, há várias maneiras do corpo ser afetado positivamente, promovendo alegria e conseqüentemente o aumento do *conatus*.

A roda é um universo que atua com objetivo de manter seu equilíbrio, de realizar uma alegria conjunta entre os presentes na roda. Ela é um espaço do pensar dos corpos, de afetar e ser afetado, de agir com os pés, com as mãos, de construir um pensamento que se manifesta pelo corpo inteiro e interfere no modo como os outros vão se atentar a esse corpo. O modo como o opositor age vai afetar o corpo do capoeirista, ele tem de estar atento a canção, tem de estar atento ao coro. Toda a roda afeta o capoeirista, e é o conjunto com o máximo de potência que vai produzir um bom encontro, uma boa roda.

Pede-se passagem para um ensino com fundamento em um raciocínio corporal. A capoeira é pensada, mas é pensada com o corpo inteiro, com a capacidade de sentir a energia da roda, de sentir a música, de sentir o corpo do outro. Pede-se passagem para uma educação que se direcione a seu público, observando a contemporaneidade do racismo e trabalhando para combatê-lo, com um resgate da resistência negra, uma evocação da identidade afro-brasileira, uma demonstração da força do povo preto que oferece uma antítese aos meios dominantes e de dominação.

Uma roda de capoeira é ambiente fértil para reflexões, com base na experiência estética e sensorial, pode-se refletir, por exemplo, sobre o coletivo e a coletividade na sala de aula e conseqüentemente na sociedade inserida no capitalismo. Nessa sociedade pautada nos valores iluministas; a liberdade, a igualdade, a fraternidade, a individualidade têm importância fundamental, porém as pessoas ainda estão em um uma sociedade, necessitam da convivência com o outro, mas simplesmente como outro.

É uma sociedade alicerçada em experiências coletivas, uma aglomeração onde todos estão vivendo rodeados de pessoas, mas não se sentem parte da construção de mundo do outro, é a alternância entre estar em convívio constante e isolado. Assim é uma sala de aula dessa sociedade, cheia de alunos, mas mesmo esses estudantes estando envoltos em um ambiente coletivo, eles competem o tempo inteiro, por melhores notas, por

amizades, até mesmo por brincadeiras, não há nenhuma relação de cumplicidade coletiva. Já na capoeira há uma verdadeira experiência de coletividade, como nos quilombos onde os seres dependem um do outro para a edificação de sua experiência de mundo, necessitam olhar constantemente para o outro para poder exercer sua potência.

Pode-se pensar também na confusão entre participante e espectador em uma roda de capoeira. Quando se entra na roda, se é partícipe de um conjunto de potência, mesmo que em pequena parte, todos se confundem nesse jogo em que se é participante ativo e espectador. Quem joga é espectador de quem toca e canta, quem toca e canta é espectador de quem joga e é nessa confusão que a roda de capoeira pode ser tomada como uma crítica à arte ocidental, onde o artista constrói isolado sua arte e o público só pode apreciar, crítica tomada entre outros, por Hélio Oiticica:

A partir da experiência com a dança, surge o parangolé, nome que Oiticica encontra em uma placa que identificava um abrigo improvisado, construído por um mendigo na rua, na qual se lia "Aqui é o Parangolé". Estas capas coloridas, faixas e tendas de pano interagem com os movimentos do espectador, que as veste ou as segura enquanto dança. O próprio corpo do participante passa a fazer parte da obra de arte. Para Oiticica, tal integração seria capaz de conduzir o espectador a uma nova atitude

ética, de participação, coletividade e mudança. O parangolé é parte do “programa ambiental” de Oiticica. É feito de pano, mas cria um espaço, um abrigo. O parangolé então não é só uma capa vestida pelo corpo, mas sim uma “incorporação”, um todo formado por homem e capa. (BRAGA, 2001, p. 54)

Ora, a sala de aula também pode ser inserida nisso, nela os professores atuam praticamente sozinhos como difusores do conhecimento, são como atores solitários em um monólogo, sem qualquer participação dos alunos, nela os professores necessitam operar com instrumentos de poder e disciplina para controlar os alunos, pois não conseguem construir um diálogo. Assim, a estrutura e a metodologia de ensino não proporcionam encontros alegres.

Em geral, na sala de aula brasileira o professor atua quase como um artista genial tentando transmitir sua suposta genialidade para seres que não possuem nenhuma, sendo uma espécie de lança solitária da aula enquanto os alunos são meros espectadores. Não seria necessária uma aula que priorizasse o encontro alegre? Que buscasse formar um ambiente onde a alternância entre participante e espectador fosse muito maior e que o professor, mesmo que seja suposto como alguém com mais conhecimento de mundo que os alunos, possa escutá-los, percebê-los, possa buscar com que a sala de aula seja uma boa sala de aula, repleta de afetos que gerem alegria.

Reivindicar a capoeira é tentar resgatar um elemento que mobilize e possibilite uma reflexão sobre o ambiente escolar brasileiro, é buscar uma educação que seja composta por bons encontros, que seja capaz de gerar alegria e de aumentar a potência dos professores e dos alunos, levando ao conjunto educacional emancipação e autonomia:

É possível pensar, a partir da filosofia de Spinoza (2009), em uma educação que priorize os bons encontros entre professores e alunos, no sentido de tornar a educação instrumento de emancipação e de autonomia dos indivíduos. (NOVIKOFF; CAVALCANTI, 2015, p. 105)

Enfim, trazer a capoeira em um resgate dos movimentos de resistência afro-brasileira é dar voz a uma cultura que nunca pôde se expressar, é tentar encontrar um caminho reflexivo dentro do próprio espaço, é tentar encontrar uma maneira singular de mobilizar os alunos a pensar sobre suas experiências na sociedade, na família e na sala de aula, é tentar proporcionar a autodeterminação, a alegria, o aumento da perfeição do próprio ser e conseqüentemente a liberdade, é tentar construir uma educação verdadeiramente libertadora.

Conclusão

Mas por qual motivo este texto se alicerça em Espinosa e na Capoeira para pensar o ensino de filosofia em uma perspectiva de educação libertadora? Em primeiro lugar, defende-se aqui um ensino de filosofia que seja capaz de refletir sobre o próprio tempo e espaço, que esteja em diálogo constante com a sociedade e que proporcione a construção de um ambiente escolar pautado pela liberdade.

Bento de Espinosa propôs uma filosofia da liberdade onde o autoconhecimento e a autodeterminação são fundamentais na obtenção da alegria e dos bons encontros. É por esse pensar corporal que almeja a alegria e os bons encontros que a filosofia espinosana se faz tão importante.

E é a partir disso que se reivindica a capoeira como um elemento de reflexão filosófica nos ambientes escolares brasileiros. Reivindicar a capoeira é olhar para a própria sociedade, para uma manifestação cultural afro-brasileira que se baseia em uma razão corporal e depende da contribuição de todos que participam da roda.

Este artigo advoga que por meio da capoeira é possível refletir sobre o próprio espaço escolar brasileiro e dar voz aos excluídos da história oficial, essa autorreflexão gera um autoconhecimento

e conseqüentemente possibilita a construção de uma sala de aula verdadeiramente autodeterminada, alegre e libertadora.

Referências Bibliográficas

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda. **Resgate**. Campinas, v. 12, n. 1, p. 171-176, 2004. DOI: <https://doi.org/10.20396/resgate.v12i13.8645622>

BRAGA, Paula. **Hélio Oiticica**. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2013.

CHAUÍ, Marilena. **Espinosa – uma filosofia da liberdade**. São Paulo: Editora Moderna, 1995.

COSTA-PINTO, Alessandra Buonavoglia; RODRIGUES, Lisete. Reflexões sobre a educação em Espinosa: a experiência do encontro como segundo nascimento. **Filosofia e Educação**. Campinas, v. 5, n. 1 p. 111-129, 2013. DOI: <https://doi.org/10.20396/rfe.v5i1.8635412>

ESPINOSA, Bento. **Ética**. Tradução: Tomaz Tadeu. São Paulo: Editora Autêntica, 2008.

LISBOA, Thiago Henrique Cortez de. **Autodeterminação: considerações sobre os aspectos ontológicos da liberdade humana na ética de B. Espinosa**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal do ABC. São Bernardo do Campo, 2017.

NASCIMENTO, Abdias. **Quilombismo: um conceito emergente do processo histórico-cultural da população afro-brasileira**. 2º Congresso de Cultura Negra das Américas. Panamá, 1980.

NOVIKOFF, Cristina; CAVALCANTI, Marcus Alexandre de Pádua. Pensar a potência dos afetos na e para a educação. **Conjectura: Filosofia e Educação (UCS)**. Caxias do Sul, v. 20, p. 88-107, 2015.

OLIVEIRA, Eduardo. Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: educação e cultura afro-brasileira. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Brasília, v. 18, p. 28-47, 2012.
DOI: <https://doi.org/10.26512/resafe.v0i18.4456>

REIS, Letícia Vidor de Souza; VIDOR, Elizabeth. **Capoeira - Uma Herança Cultural Afro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro: 2013.